

Ó CONAS E CARALHOS, CUIDAI-VOS!: CAMPOS LEXICAIS DAS ZONAS ERÓGENAS NA OBRA CONTOS D'ESCÁRNIO: TEXTOS GROTESCOS, DE HILDA HILST*

OH PUSSY AND COCKS, TAKE CARE OF YOU!: LEXICAL FIELDS OF THE ERÓGENOUS ZONES IN THE WORK CONTOS D'ESCÁRNIO: TEXTOS GROTESCOS, BY HILDA HILST

Ana Vitória Gomes Moreira 1
Vanessa Regina Duarte Xavier 2

Resumo: Partindo do pressuposto de que a linguagem é um produto social e de que nela encontram-se refletidos os valores sociais, no presente trabalho discutimos o vocabulário das zonas erógenas presente na obra *Contos d'escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]), de Hilda Hilst. Objetivamos, com isso, refletir sobre o léxico erótico-obsceno, a partir da compreensão de como esse vocabulário se apresenta no discurso literário em questão. Neste estudo, coletamos as lexias referentes às denominações das zonas erógenas e as organizamos em campos lexicais, tendo em vista o trabalho de Orsi (2009). Para cumprir tal empreitada, recorreremos a estudiosos como Petter (2005), Souza (2007), Abbade (2011) e outros. Constatamos que o léxico erótico-obsceno presente na obra analisada constitui a literatura de vertente pornográfica da autora. Esta investigação agrega aos estudos lexicais, pois avança com os debates acerca de um léxico ainda pouco explorado, o das obscenidades, especialmente no discurso literário.

Palavras-chave: Lexicologia. Léxico Erótico-obsceno. Campos Lexicais. Literatura Pornográfica. Hilda Hilst.

Abstract: Assuming that language is a social product and that social values are reflected in it, in the present work we discuss the vocabulary of erogenous zones present in the work *Contos d'escárnio: texto grotescos* (2002 [1990]), by Hilda Hilst. We aim, therefore, to reflect on the erotic-obscene lexicon, from the understanding of how this vocabulary is presented in the literary discourse in question. In this study, we collected the lexicons referring to the names of erogenous zones and organized them into lexical fields, considering the work of Orsi (2009). To accomplish this task, we turned to scholars such as Petter (2005), Souza (2007), Abbade (2011) and others. We found that the erotic-obscene lexicon present in the analyzed work constitutes the author's pornographic literature. This investigation adds to lexical studies, as it advances the debates about a still little explored lexicon, that of obscenities, especially in literary discourse.

Keywords: Lexicology. Erotic-obscene lexicon. Lexical Fields. Pornographic Literature. Hilda Hilst.

* Trabalho desenvolvido com fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

- 1 Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT), da Universidade Federal de Catalão. Catalão, Goiás, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7042061427335231>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3117-7576>. E-mail: ana.vitoria@discente.ufcat.edu.br
- 2 Doutora em Letras pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e diretora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Catalão, Goiás, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8615393836970411>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>. E-mail: vanessaregina@ufcat.edu.br

Palavras Primeiras

Mami – Que história é essa de cacetinha piupiu bumbum, que droga, não é você que diz que as coisas têm nome?

(HILST, 2005 [1990], p. 69)

A linguagem pode ser entendida como uma realidade cultural complexa e multifacetada, como fios entrecruzados em um tear, ela é um fato social e, por este motivo, é influenciada pela sociedade que a utiliza (COSERIU, 1977). Com essa visão, concorda Petter (2005, p. 11) quando informa que “tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade”, neste sentido, a autora salienta que, como expressão de ideias, ela é a súpula da visão de mundo e das realidades social, cultural e histórica dos falantes. É a partir desta concepção que propomos esta investigação, ou seja, da premissa de que a linguagem, enquanto um fato social, representa e apresenta as visões de mundo de seus usuários.

Diante disso, analisar os fatos de linguagem relativo às obscenidades em uma obra literária se mostra uma investida fecunda, visto que, por meio dos estudos de Souza (2007) e Orsi (2009), é possível entender que o léxico erótico-obsceno é alvo de pesquisas ainda pouco exploradas e uma das razões apontadas por estas investigações é a de que esta parcela da língua é creditada como de menor valor, por se tratar de um tabu linguístico que, muitas vezes, sofre sanções em muitos âmbitos sociais.

A luz do exposto, a motivação para o desenvolvimento desta pesquisa centra-se na necessidade de discutir o léxico erótico-obsceno presente na obra *Contos d'escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]), de Hilda Hilst, a fim de analisar como a autora faz uso dessa linguagem para constituir sua literatura de vertente pornográfica. A obra faz parte do projeto pornográfico de Hilst, intitulado *Trilogia obscena*, composto também por outras duas obras: *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990) e *Cartas de um sedutor* (1991).

Em relação aos objetivos que esta investigação engendra, temos como propósito geral analisar o léxico erótico-obsceno presente na obra mencionada. De modo específico, os objetivos se centram em: I) inventariar as lexias referentes às denominações de zonas erógenas masculinas e femininas, II) estruturar as unidades lexicais coletadas em campos lexicais e III) refletir sobre as escolhas léxicas utilizadas para denominar as zonas erógenas. Desse modo, espera-se contribuir com o avanço dos estudos lexicais, especificamente no que tange à análise lexical de *corpora* literários e linguagem tabu.

Para cumprir a proposta desta pesquisa, amparamo-nos em uma análise qualitativa que visa a dar destaque às lexias inventariadas na obra literária supramencionada e que, foram ordenadas nos campos lexicais estabelecidos por Orsi (2009), quais sejam, *ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*.

O referencial teórico acerca de Hilda e seu projeto obsceno constitui-se de Jeronimo e Borges (2018), Borges (2009), Gomes (2016) e Francisco (2007). Em relação à discussão atinente à linguagem e ao léxico, fundamentamo-nos em Saussure (2006 [1916]), Petter (2005), Maingueneau (2010), Biderman (2001; 1981, 1987) e Lara (2006), e sobre a teoria dos campos lexicais, em Abbade (2011, 2012), Xavier (2017) e Coseriu (1972). No tocante às discussões relativas à linguagem erótico-obscena, lançamos mão de Souza (2007) e Orsi (2009). Por fim, analisamos os campos lexicais obtidos e discutimos algumas relações semânticas que se estabeleceram, com base em Lopes e Rio-Torto (2007) e Henriques (2011).

A escolha do *corpus* para este estudo baseou-se no fato de ser uma obra hilstiana atravessada pelo léxico das obscenidades. Uma vez que a autora possui outras duas obras que compõem a sua *Trilogia Obscena*, optamos por *Contos d'escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]) por não ter sido alvo de nenhuma investigação semelhante, ou seja, que visasse analisar o léxico particular das zonas erógenas na perspectiva lexical. Além disso, a seleção desta obra também tem uma motivação pessoal, uma vez que concordamos com a posição de Starobinski (1976) de que a escolha de um objeto de estudo não se efetiva de modo inocente, mas advém de uma interpretação prévia e do interesse dos pesquisadores envolvidos.

Este trabalho encontra-se organizado em três momentos, a saber: I) contextualização e reflexões em torno de Hilda Hilst, sua *Trilogia Obscena* e a obra em foco; II) discussão teórica acerca de linguagem, léxico e campos lexicais; e III) estruturação e análise dos campos lexicais compostos à luz de Orsi (2009), considerando-se as relações semânticas circunscritas no interior dos campos.

Hilda Hilst e seu projeto obsceno

Hilda Hilst (1930-2004) é considerada por grande parte da crítica como uma das escritoras mais influentes e importantes da Língua Portuguesa no século XX, sendo marcada a sua produção pela transgressão e liberdade, com uma escrita inusitada, transitando por diversos gêneros, como poesia, teatro e ficção, conforme pontuam Jeronimo e Borges (2018). A autora, filha de uma imigrante portuguesa e de um fazendeiro de café, nasceu em 1930, em Jaú, São Paulo, e faleceu em 2004. Aos vinte anos, Hilda publica seu primeiro livro, *Presságio* (1950) (GOMES, 2016).

Na década de 90 do século XX, Hilst dá início à sua *Trilogia Obscena*, também conhecida como *Trilogia Pornográfica*, *Teatralogia Obscena*, *Pornô-Chic* e *Cult Porn* (GOMES, 2016). Esse projeto literário contou com a publicação de três livros, sendo eles *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d'escárnio: textos grotescos* (1990) e *Cartas de um sedutor* (1991). Conforme aponta Borges (2009, p. 117, *grifo no original*),

[...] a Trilogia apresentou ao público uma faceta da autora que acabou desconcertando leitores desprevenidos. O fato é que, ao partir para uma incursão pelo território da suposta pornografia e da obscenidade, a espécie de ficção da qual se compõe a *Trilogia* surpreende pelo inusitado do assunto e pelo tratamento formal dado pela autora aos textos.

É ao nascer da *Trilogia Obscena* que vemos de forma mais explícita a representação do sexual e pornográfico em sua obra. Permeados por uma linguagem tabuízada, os três livros representam um marco em sua escrita. Em relação à receptividade de seus escritos, a autora

[...] resolveu romper com o horizonte de expectativa, tanto do leitor do gênero pornográfico, quanto do seu próprio leitor, ou mesmo da crítica literária brasileira, ao problematizar a concepção do que se imaginava como pornografia. Contudo, por motivos diferentes, a crítica especializada, os leitores de pornografia e o próprio mercado editorial vão determinar, cada um a seu modo, o fracasso do projeto pornográfico da escritora sem perceber a questão que está sendo colocada (FRANCISCO, 2007, p. 33).

A esse respeito, em se tratando da sua *Trilogia*, a autora tinha por objetivo ser lida por um público maior, em virtude disso adentra às narrativas pornográficas, contudo não obteve a repercussão esperada. Esse acontecimento, conforme aponta Francisco (2007), configura um fracasso nos âmbitos pornográfico e comercial, sendo que uma das hipóteses para isso ter ocorrido se deu pela intenção pornográfica das obras. Ao discorrer acerca da *Trilogia*, em especial a respeito de *Contos d'escárnio*, Azevedo Filho (1996, p. 28) nos diz que, “ao tentar o jogo da representação erótica, Hilda fracassa, pois não consegue provocar o imaginário e a fantasia do leitor, função fundamental na literatura do gênero”.

Diante disso, o infortúnio do projeto hilstiano tende a “[...] reanimar e atualizar toda uma discussão sobre o sentido e os efeitos da pornografia, possibilitando uma ‘mudança de horizonte’ na recepção do texto pornográfico, a partir de um distanciamento crítico do que até então se produziu para excitar o leitor” (FRANCISCO, 2007, p. 33). Entendemos que a partir de 1990 a autora

foi recepcionada pelo seu público com polêmicas em torno da sua escrita, uma vez que ela passa pelo processo de transgressão da “literatura séria”, anteriormente explorada, para dar início ao seu projeto de intenção pornográfica (AZEVEDO FILHO, 1996). O autor discorre que o intuito da escritora com a *Trilogia* era se tornar popular com seus escritos, atingir um público mais abrangente. Em seu estudo, Azevedo Filho (1996) aponta que a integridade do projeto pornográfico hilstiano foi, por muitas vezes, questionada.

Frente ao exposto, selecionamos o segundo livro de sua *Trilogia* para compor esta investigação. Atravessado por uma linguagem que retrata obscenidades, *Contos d’escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]) revela-se profícuo à análise lexical que propomos, uma vez que se utiliza da linguagem pornográfica como recurso estilístico fundante.

O livro é narrado pelo personagem Crasso que, como consta à orelha do livro: “é um sessentão disposto a registrar suas memórias de safadezas da maneira mais chula possível”. Conforme aponta Alcir Pécora¹, na nota do organizador, Crasso não possui gosto por sequências de fatos organizados, nisto notamos que a criação literária em *Contos d’escárnio* é ordenada ao modo de Crasso: na falta de regularidade. Essa assertiva é expressa nas primeiras páginas, assim que o narrador personagem inicia o seu incurso literário:

Bem. Resolvi escrever este livro porque ao longo da minha vida tenho lido tanto lixo que resolvi escrever o meu. Sempre sonhei ser escritor. Mas tinha tal respeito pela literatura que jamais usei. Hoje, no entanto, todo mundo se diz escritor. E os outros, os que leem, também acham que os idiotas o são. É tanta bestagem em letra de forma que pensei, por que não posso escrever a minha? A verdade é que não gosto de colocar fatos numa sequência ortodoxa, arrumada. Os jornais estão cheios de histórias com começo, meio e fim. Então não vou escrever um romance como... *E o Vento Levou* ou *Rebeca*, *Os Sertões* e *Ana Karenina* então nem se fala. Os verbos chineses não possuem tempo. Eu também não (HILST, 2002, p. 14, *grifos no original*).

A partir deste excerto, podemos notar que a escrita de Crasso pretende ser anárquica no modo de dispor os fatos de sua vida, em outras palavras, os escritos memorialísticos e metaliterários constituídos pelo personagem se caracterizam pela não linearidade, isto é, pela desordem. No que concerne ao gênero, Alcir Pécora (2002) salienta que a disposição discursiva torna a narrativa um construto de gêneros diversos, uma vez que apresenta momentos característicos de romance memorialístico, diálogos intercalados à narrativa e dispostos de forma solta, certames poéticos, apóstrofe aos leitores, contos e minicontos de personagens que são introduzidos à narrativa, alusões políticas, crítica literária, além de remissões epistolares, referentes às cartas que Crasso troca com Clódia.

Nesse sentido, o narrador tem por objetivo escrever um livro que apresente suas memórias, essencialmente, as sexuais. Um fator relevante que se faz presente nas obras de Hilst é a crítica ao mercado editorial, que pode ser notada em *Contos d’escárnio*, uma vez que o narrador e personagem “seria o escritor que segue o ritmo mercadológico, que se faz vendável e assim tem êxito e prosperidade no ramo da literatura de fácil comércio, acabando por ter fama e reconhecimento com seus escritos” (GOMES, 2016, p. 17). O que corresponde ao objetivo de Hilda Hilst ao escrever a *Trilogia*, como foi anteriormente explanado.

É neste contexto que se insere a segunda obra da *Trilogia* hilstiana, a qual almejamos desvendar nas próximas páginas. Diferentemente de Crasso, seguiremos uma sequência ordenada. Na seção seguinte, nos desdobraremos em uma discussão em torno da linguagem e sua parcela lexical, abordando o fenômeno do tabu linguístico e como esse vocabulário é utilizado, em especial, no discurso literário de Hilda Hilst.

1 Alcir Pécora é professor de Teoria Literária na Unicamp e organizador das obras de Hilst.

Da linguagem ao léxico tabu: algumas considerações

Desde Saussure (2006 [1916]) entendemos que a linguagem é heterogênea e socialmente ela constitui um contrato tacitamente estabelecido no interior da comunidade de seus usuários. Segundo discorre Coseriu (1977), a linguagem é um fato social e uma realidade cultural dotada de complexidade, além de ser expressão da intersubjetividade. Ao se debruçar sobre esta temática, Petter (2005, p. 11) pontua que “tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior [...]”. A autora considera, ainda, que a linguagem é “relativamente autônoma [e] [...] orientada pela *visão de mundo*, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante” (PETTER, 2005, p. 11, *grifos no original*).

Ao pensarmos desta maneira, concordamos com a visão de Camara Júnior (1955, p. 52) quando nos informa que a linguagem é um fato cultural, ou seja, “é um produto do homem na base de suas faculdades humanas, tanto como outros produtos materiais ou mentais”. Deste modo, consideramos que a língua(gem), enquanto produto cultural, espelha o pensamento de quem dela faz uso. Assim, os valores e crenças de seus usuários são expressos pela linguagem, de modo mais específico, no léxico dessa comunidade linguística.

O léxico de uma língua pode ser entendido como o conjunto das denominações utilizadas por uma comunidade reunidas historicamente e, por ter esse caráter de *arquivo* da linguagem e, por conseguinte, da sociedade que o utiliza, ele funciona como *patrimônio vocabular*, nos dizeres de Biderman (2001, 1987). Sendo assim, “[...] para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um **thesaurus**, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras” (BIDERMAN, 1987, p. 83, *grifos no original*). Em face desta visão social, o léxico é visto como tesouro linguístico.

À luz do exposto, compreendemos que o léxico possui relação direta com o âmbito social. Neste sentido, Lara (2006, p. 213, *tradução nossa, grifos no original*) aponta que “[...] as palavras se convertem facilmente em *símbolos sociais*; quer dizer, *transcendem a sua natureza de signos linguísticos e se convertem em representações de concepções, valores e tabus sociais* [...]”². Em outras palavras, significa dizer que as unidades do léxico assumem um valor social atribuído pelo uso que os indivíduos fazem delas, deixando de ser um referente puramente linguístico, para se transformarem em representantes de valores, costumes, ideologias e, no caso especial deste estudo, dos tabus sociais que permeiam a denominação das zonas erógenas.

Desta feita, entendemos que uma parcela da linguagem constitui o léxico tabu de uma determinada língua, com seu vocabulário próprio. Esse segmento do léxico reúne unidades lexicais “proibida[s] de ser[em] expressa[s] na grande maioria dos contextos sociais” (ORSI, 2009, p. 14). Ao discursar acerca do uso do vocabulário pornográfico, Maingueneau (2010, p. 82-83) pontua que:

Efetivamente, a dimensão modal, em um texto pornográfico, está ligada ao vocabulário mobilizado pelo narrador. O domínio da sexualidade, como todo domínio da atividade humana, circunscreve determinada área do léxico, aquela que serve para designar as partes do corpo e as operações diretamente ligadas às atividades sexuais. E isso é tanto mais evidente no caso da literatura pornográfica, que, diferentemente da imagem fixa ou dinâmica, tem de construir cenas com palavras.

Mas a literatura pornográfica não é um campo da atividade que lançaria mão de um vocabulário especializado como é o caso da marcenaria, da caça a cavalo ou da informática. Propriamente falando, ela não utiliza uma terminologia,

² No original: “[...] las palabras se convierten fácilmente en símbolos sociales; es decir, trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales [...]” (LARA, 2006, p. 213, *grifos no original*).

constituída de termos unívocos, mas termos que recaem amplamente sob o domínio de tabus. Para aquilo que ela deve designar frequentemente existem vários termos concorrentes, segundo o tipo de prática em pauta; o ‘mesmo’ órgão não tem estatuto idêntico em um tratado de medicina e em uma atividade sexual, mesmo que esse tratado seja um volume de sexologia. Se a linguagem fosse apenas um simples instrumento de decalque neutro de uma ‘realidade’ única, o vocabulário ‘tendencioso’ não existiria.

Diante dessa premissa, entendemos que o léxico que representa a pornografia e as obscenidades recai sob o domínio do tabu linguístico, uma vez que denomina partes do corpo e práticas que tendem a não ser pronunciadas em determinados âmbitos sociais

e, quando enunciadas em público, a linguagem utilizada, com frequência, não corresponde a das denominações oficiais, recorrendo a usos metafóricos e eufemísticos, conforme discursa Orsi (2009).

Considerando tais concepções, entendemos que a linguagem que versa sobre a nomeação das zonas erógenas, que constitui o léxico erótico-obsceno, traduz valores e tabus manifestados socialmente. Orsi (2009) diz ser essa uma linguagem entendida como proibida e concebida por alguns estudiosos como uma variante vulgar, ocorrendo sobretudo em contextos informais e, em razão de constituir um tabu linguístico, ainda é vista como uma parcela dos estudos da linguagem de menor importância.

Sobre o uso do léxico tabu, segundo discorre Lara (2006, p. 214, *tradução nossa, grifo no original*), pode-se

[...] creer que, porque há relações de participação entre a natureza de certos animais, plantas, objetos e inclusive pessoas e miembros da sociedade ou grupos dela, e os vocábulos que os significam, [o que] não se devem pronunciar, sob pena de receber castigos ou danos quem o faça; se as palavras participam da natureza daquilo que significam, então têm um poder mágico: se se pronuncia a palavra *diabo*, seu efeito imediato é a invocação ao Diabo [...]³.

A luz do exposto, vale dizer que a linguagem tabu é utilizada para a expressão do *proibido*, por meio de recursos tais como metáforas e eufemismos, como pontua Orsi (2009). Alguns preconceitos e tabus sociais limitam e modificam a linguagem (ORSI, 2009), pois é frequente recorrer a outras denominações, distintas das oficiais, para designá-los e, com efeito, a nomeação das zonas é motivo de controvérsias, uma vez que a elas são conferidos nomes diversos em situações sociais distintas. Neste caso, concordamos com Jeronimo e Borges (2018, p. 239) quando dissertam que

[...] é em meio ao interdito que produzimos formas (discursos) de falar sobre o que é proibido, o que resulta numa produção lexical que também torna-se interdita, originando assim, os tabus linguísticos, aquelas palavras que são pronunciadas em voz baixa e com descrição e, na presença das crianças, ou não são ditas ou os ouvidos lhes são tapados.

3 No original: “[...] creer que, porque hay relaciones de participación entre la naturaleza de ciertos animales, plantas, objetos e incluso personas y miembros de la sociedad o grupos de ella, y los vocablos que los significan, no deben pronunciarse, so pena de recibir castigos o daños quien lo haga; si las palabras participan de la naturaleza de aquello que significan, entonces tienen poder mágico: si se pronuncian la palabra diablo, su efecto inmediato es la invocación al Diablo [...]” (LARA, 2006, p. 214, *tradução nossa, grifo no original*).

No discurso literário isso também se faz evidente, em virtude de fazer uso de uma linguagem que corresponde a uma expressão artística que visa fundamentalmente à estética, possuindo traços singulares que vão além das informações referenciais de um discurso não literário (CARDOSO, 2018). Deste modo, investigar o léxico erótico-obsceno na obra referida mostra-se uma tarefa produtiva, uma vez que, como apontado por Orsi (2009), devemos, enquanto pesquisadores da linguagem, “vencer os preconceitos contra antivalores culturais” (ORSI, 2009, p. 39). Além disso, esse tipo de estudo também visa a dar destaque às escolhas lexicais manejadas pela autora em uma perspectiva estilística. Analisar as unidades lexicais que se referem às zonas erógenas no discurso literário de Hilst (2002 [1990]), além de desnudar o vocabulário erótico-obsceno do qual ela faz uso, demonstra como este é empregado a serviço de seu projeto literário.

Para atingir tal finalidade organizamos o vocabulário supradito em campos lexicais, ou seja, em zonas de sentido confluentes, em conformidade aos preceitos de Orsi (2009) que estabelece os seguintes campos para as zonas erógenas femininas e masculinas: *pênis, vulva, nádegas, ânus, testículos e seios* (ORSI, 2009).

Os campos lexicais das zonas erógenas em *Contos d'escárnio: textos grotescos*

A língua de uma comunidade é considerada como o seu retrato cultural mais evidente, sendo formada por unidades lexicais que se organizam em frases e formam discursos, neste sentido, as unidades do léxico demonstram características sociais, econômicas, culturais e etárias de quem as utiliza (ABBADÉ, 2011). Nessa perspectiva, concordamos com Xavier (2017, p. 163-164) para quem

[...] o léxico não é um conjunto de palavras desconexas entre si, mas que estabelecem entre si relações semânticas, tais como de sinonímia, de hiperonímia/ hiponímia, de antonímia, de polissemia, de homonímia etc., que funcionam como princípios ou parâmetros que subjazem a esta organização sistemática.

Os campos lexicais podem ser entendidos como uma forma de reunir, em redes semânticas, unidades do léxico que possuem traços de afinidade entre si. Neste sentido, recuperamos os dizeres de Coseriu (1972, p. 31, *grifos no original, tradução nossa*) quando teoriza que

*O campo lexical é uma estrutura paradigmática primária do léxico: é mesmo, em seu domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode-se defini-lo como 'paradigma constituído por unidades lexicais de conteúdo (lexemas) que partilham uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras*⁴.

O autor concebe os campos a partir de unidades do léxico que habitam uma zona de significação similar, mas que possuem traços que as distinguem, gerando oposições semânticas entre elas. Neste caso, a relação de oposição entre lexias “não implica antonímia ou a negação de um significado, mas no sentido saussureano de que as unidades da língua adquirem valor pela oposição em relação a outras” (XAVIER, 2017, p. 164). Abbade (2011, p. 1332, *grifos no original*), ao discorrer sobre os domínios do campo lexical, expõe que eles

4 No original: “Le champ lexical est une structure paradigmatique primaire du lexique : c’est même, dans ce domaine, la structure paradigmatique par excellence. On peut le définir comme ‘paradigme constitué par des unités lexicales de contenu (« lexèmes ») se partageant une zone de signification continue commune et se trouvant en opposition immédiate les unes avec les autres” (COSERIU, 1972, p. 31, *grifos no original*).

[...] representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o *campo léxico*. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão.

À vista disso, estruturamos as lexias inventariadas em campos lexicais referentes às zonas erógenas. Tomamos como inspiração os campos concebidos por Vivian Orsi (2009) em sua tese de doutoramento, que tem por título “*Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*”. Selecionamos Orsi (2009) como aparato teórico-metodológico, pois notamos se tratar de um estudo em perspectiva semelhante, que visa a entender uma parcela do léxico erótico-obsceno, assim como os objetivos de nossa investigação.

No tocante ao campo léxico relativo ao hiperônimo ânus, identificamos os seguintes hipônimos na obra: *rabo/rabos, rabos quentes, rabo ressequido, cu, cozinha, olho do cu, cuzeiro, cloaca, anus, buraco, buraquinho, buracão, buraco negro, arsehole, rego, regueira, rego da calça, fiufiu, do de trás, atrás, rodela e reto*. As lexias foram empregadas em contextos, em sua maioria, de cunho sexual, remetendo à prática do sexo anal⁵. Segundo os dicionários Houaiss (2009) e Michaelis (2022), ânus é referente à abertura exterior do reto, pelo qual se expelem os excrementos; no que tange ao domínio sexual, o ânus é tido como uma zona erógena que proporciona prazer a quem se dedica à atividade sexual anal, as obras lexicográficas apontam inúmeros sinônimos de ânus, sendo alguns deles “alvado, ás de copas, berba, boga, bozó” (MICHAELIS, 2022) e “cu, diferencial, feofó, finfa” (HOUAISS, 2009), entre outros. Consideramos que estas lexias são pertencentes ao campo do léxico erótico-obsceno e habitam, em sua maioria, a linguagem informal e tabuíada.

Neste caso, entendemos que as lexias inventariadas neste campo possuem relação de sinonímia ente si, pois as unidades *rabo/rabos, rabos quentes, rabo ressequido, cu, cozinha, olho do cu, cuzeiro, cloaca, anus, buraco, buraquinho, buracão, buraco negro, arsehole, rego, regueira, rego da calça, fiufiu, do de trás, atrás, rodela e reto* compartilham uma identidade semântica relativa ao hiperônimo ânus. A exemplo de uso destas lexias no *corpus*, tomamos dois fragmentos do discurso literário em análise: “Enchi-me de coragem e estraçalhei-lhe o *rabo* com inglesas ou americanas (‘*who knows?*’) e babados e o chapéu, não naturalmente sem antes lhe tapar a boca, porque tinha certeza que ela ia zurrar como um asno” (HILST, 2002, p. 23, *grifo nosso*) e “Depois de ter comido o *cu* de Josete e amarfanhando vestidos e chapéus de inglesas ou americanas (‘*who knows?*’) resolvi não sei por que cargas d’água, na manhã seguinte, entrar numa igreja” (HILST, 2002, p. 23, *grifo nosso*).

Em relação à *nádega*, obtivemos unidades lexicais em menor número, sendo elas *bunda* e *traseiro*. A lexia *nádega*, que encabeça o campo léxico, é definida por Houaiss (2009) e por Michaelis (2022) como cada uma das duas partes musculoadiposas, carnudas e arredondadas da região traseira superior e posterior das coxas, cada um dos lados da nádega é formado pelos glúteos. Relativo à utilização destas unidades na obra de Hilst, podemos notar que *bunda* e *traseiro* entretêm uma relação de sinonímia, uma vez que é possível notar uma equivalência semântica entre as unidades lexicais e à zona a que se referem.

Na obra literária, podemos observar estas lexias em uso nas seguintes passagens: “Aí não disse, mas me lembrei da função do tio Vlad na *bunda* do Tavim e disse sem saber direito: é mais coisa de dona” (HILST, 2002, p. 26, *grifo nosso*) e “Tento meditar coisas imundas: lamber o *traseiro*

5 O sexo anal pode ser compreendido como uma prática sexual que visa ao prazer sexual através do contato, estimulação e/ou penetração na região retal. A realização deste ato em relações homossexuais e heterossexuais é mencionada desde o início dos relatos acerca da sexualidade humana, conforme apontam Rodrigues de Sá, Canela e Jurberg (2020).

de uma mula por exemplo” (HILST, 2002, p. 86, *grifo nosso*).

Relativo ao *pênis*, obtivemos como hipônimas as seguintes lexias: *pau/paus, pau rombudo, pauzinho, caceta/cacetas, caceta dura, cacetão, caralho/caralhos, caralhudos, caralho-prega, caralhão, pica/picas, picalhão, picas bolas, pálida vara, minhoca, talo, talo duro, cabeça/cabeças, cabeça-abóbora, falos/falus, sexo, piupiu, piça, bananas cozidas, nabos, doce de abóbora, pepinos, verga, mastrução, mastrução róseo, rola, ganso*.

O dicionário de Houaiss e Villar (2009) define o pênis como “órgão genital masculino dos vertebrados superiores que, nos mamíferos, é geralmente constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo na sua extremidade a glândula peniana, onde termina o meato urinário; membro genital”, com essa visão também concorda Michaelis (2022).

Além da definição, os dicionários apresentam alguns sinônimos referentes a esta lexia, quais sejam, “badalo, banana, bengala, boro, caceta, cacete, caralho” (MICHAELIS, 2022), entre outros. Alguns deles são concernentes aos que localizamos em nosso *corpus*, como é o caso de *pau, caceta, caralho, pica, vara, falo, verga* e *rola*. No tocante à lexia *cabeça/cabeças* e *cabeça-abóbora* em relação às demais unidades léxicas deste campo, visualizamos uma relação de meronímia. Segundo Lopes e Rio-Torto (2007, p. 30), a meronímia denota a relação entre uma parte e o todo e “na medida em que envolve partes, segmentos (braço, perna, dedo), ingredientes de um todo orgânico, a meronímia partilha também uma relação de inclusão”, ou seja, uma parte que está contida no todo. No que se refere às unidades supramencionadas, a *cabeça*, referente à glândula do pênis, é vista como um segmento do todo, o órgão sexual masculino.

No que compete ao campo lexical *seios*, compilamos as lexias *peitos, peitudas, peitadinha, bico do peito, tetas, melões, suculentos melões, seios delicados* e *seios polpudos* que são co-hipônimas em relação ao hiperônimo que nomeia o campo. Os seios são considerados como a parte do corpo humano onde se localizam as mamas (MICHAELIS, 2022), que, por sua vez, são “órgão[s] glandular[es] característico[s] dos mamíferos, normalmente atrofiado[s] no macho e, na fêmea, capaz de secretar leite” (HOUAISS, 2009). A unidade léxica *bico do peito*, em associação a *peitos*, presentes no discurso literário, estabelece para com esta uma relação de meronímia, que é definida por Lopes e Rio-Torto (2007) como a hierarquização de uma parte para o seu todo.

Além disso, observamos que as lexias complexas *seios delicados* e *seios polpudos* são co-hipônimas em relação ao hiperônimo *seios*. Ao analisar o *corpus* nos defrontamos com essas lexias em uso em passagens como: “Nessa noite havia uma moça novata, chamada Bina. Dezoito anos, a cabeleira opulenta até a cintura, ancas avantajadas, *seios delicados*, boca de mulata, polpuda, e que dentes!” (HILST, 2002, p. 27, *grifos nosso*) e “Como resistir a tudo que dizia aquela perfeitíssima mulher que era mamã? Os ombros soberbos, o pescoço delicioso e vibrátil, os *seios polpudos* e delicados [...]” (HILST, 2002, p. 107, *grifos nosso*).

Partindo para o campo dos *testículos*, nos deparamos com duas lexias, sejam elas *ovos* e *culhões*. Os testículos são definidos no dicionário Michaelis (2022) como “cada uma das duas glândulas sexuais masculinas, de formato ovoide, situadas no escroto, que produzem espermatozoides e testosterona”, tendo sentido similar no dicionário Houaiss (2009). Nos dicionários são apresentados alguns sinônimos de testículos, tais como “bago, bola, colhão, culhão, grão, saco” (MICHAELIS, 2022) e “bagos, balangandãs, berloques” (HOUAISS, 2009), que depreendemos fazerem parte da linguagem informal para se referir à zona dos testículos. Empregados no discurso literário de Hilst, *ovos* e *culhões* são sinônimos, ou seja, funcionam como termos intercambiáveis, que possuem uma aproximação semântica, consoante a distinção desse conceito por Henriques (2011). Os contextos de uso das lexias relativas ao campo *testículos* podem ser recuperados a partir dos trechos a seguir: “Otávia sabia que eu era louco por aqueles seus ruídos extravagantes durante o prolongado orgasmo. E algumas vezes me dizia enquanto retinha meus ovos no côncavo de suas grandes mãos [...]” (HILST, 2002, p. 17, *grifo nosso*) e “[...] citava Lucrécio enquanto me afagava os *culhões* e encostava nas bochechas translúcidas a minha caceta [...]” (HILST, 2002, p. 18, *grifo nosso*).

O campo léxico atinente à *vulva* mostrou-se mais expressivo em relação aos anteriores. Nele nos defrontamos com algumas unidades lexicais, tais como: *boceta, boceta-chupeta, pomba, pomba molhada e faminta, pomba-ladina, pomba-aquosa, pomba-dementada, columbina trevosa, columbina vivace, pomba carnívora, pomba-luz, pomba-geena, pomba-buona, caverna vermelhona, xereca, cona/conas, cona gorda, lambe-cona, cona santa, crica, vagina/vaginas, vaginas imensas,*

grandes lábios, clitóris, clitóris-dedo, grelo, rosa orquídea, vasta orquídea, glabra, perseguidas, meios sagrados, sagrado meio, paraíso, púbis. A vulva é considerada por Houaiss (2009) como sendo o

Conjunto das partes externas dos órgãos genitais femininos dos mamíferos [Na anatomia humana, compreende o monte pubiano, os grandes e pequenos lábios, o clitóris, o vestibulo da vagina, as glândulas de Skene, as glândulas de Bartholin, a abertura da uretra e a vagina].

Como mencionamos, as unidades lexicais que se referem ao campo *vulva* mostraram-se diversas e se faz possível notar relações semânticas imbricadas neste território lexical, como no caso de *vagina* e *clitóris*, na qual é recorrente o fenômeno da holonímia, partindo do todo, a vagina, para uma parte sua, o clitóris. A partir da obra em análise, podemos constatar o uso destas lexias nos seguintes trechos: “Ó, pelos deuses, adentrai vossas urnas de basalto porque a leoa ronda vossas salas e quartos! Quer lamber-vos a cona, quer adestrar caralhos, quer o néctar augusto de *vagina* e falos!” (HILST, 2002, p. 36-37, *grifo nosso*) e “A variedade de *clitóris* era inigualável: pequenos, textura de tafetá brilhoso, mínimos, cravados de ínfimos espinhos ou grandes, iguais a dedos mindinhos, duros de sensualidade e robustez” (HILST, 2002, p. 38, *grifo nosso*). Face ao exposto, notamos que os nomes creditados à vagina e também outros presentes nos campos anteriormente apresentados muitas vezes constituem-se pela metaforização. A esse respeito, Orsi (2009, p. 70) discorre que

[...] para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em ambientes e situações informais, que possam denominar as designadas partes do corpo com conotação sexual. Tal fato se atestaria pela enorme quantidade de sinônimos empregados para a referida nomeação.

Dito isso, podemos observar em unidades como *pomba* que, “as metáforas conceituais [...] são culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas” (ORSI, 2009, p. 79) e que, pela partilha cultural, é possível alocá-la em um contexto erótico-obsceno (ORSI, 2009). Assim, algumas lexias deste campo referem-se ao universo erótico-obsceno latente no discurso literário de Hilda Hilst, uma vez que, desvinculadas deste contexto, poderiam assumir sentidos muito diversos.

Em vista disso, podemos notar que a denominação das zonas erógenas presente no discurso literário diz respeito a uma linguagem estética, que visa a fazer um uso especial do léxico, empregando-o em um contexto que tem origem na linguagem cotidiana, ao passo que a extrapola. Ademais, o uso especial feito por essa linguagem supera as funções estéticas e estilísticas, visto que as reconfigurações semânticas excedem à superfície lexical, produzindo significados próprios obtidos pela criatividade das seleções e criações léxicas que são aspectos empregados no discurso literário.

É possível notar que estes nomes, com grande frequência, são explorados a partir de usos metafóricos e deixando à margem a denominação formal e oficial destas zonas. No tocante ao que foi explanado, um exemplo do manejo linguístico que privilegia o uso da linguagem informal para se referir às zonas erógenas assenta-se na utilização de substantivos próprios em grau diminutivo para se referir à genitália. Tais empregos podem ser vistos no uso cotidiano da linguagem, neste caso, o léxico assume uma face informal, como que para amenizar a semântica das zonas nomeadas e, assim, diminuir o peso social e ideológico que elas possuem.

À guisa de Conclusão

À vista do que vimos abordando nesta investigação, é possível entender que os estudos lexicais se enveredam em distintas vertentes, voltando-se a um ponto em comum: analisar as denominações que compõem o léxico de uma língua, sendo parte deste a linguagem erótico-obscena presente em inúmeros contextos, dos quais selecionamos para este estudo o literário. Ao empreender esta pesquisa, pudemos nos defrontar com um inventário de unidades lexicais referentes às denominações das zonas erógenas presente na obra *Contos d'escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]), de Hilda Hilst. Constatamos que a narrativa hilstiana é construída e permeada pelo uso do vocabulário pornográfico, ou seja, pelo léxico erótico-obsceno que, por vezes metafórico, recorre a referentes da linguagem informal e tabuízada para se constituir.

Pelo exposto, defendemos que a língua e seu léxico devem ser explorados em suas mais variadas vertentes, de modo especial, aquelas que comprovadamente não costumam ser a perspectiva de estudo mais corrente entre os pesquisadores das Ciências do Léxico, como é o caso do léxico tabu.

Em relação aos campos lexicais organizados conforme Orsi (2009), foi possível observar que distintas lexias manejadas por Hilda Hilst, em seu discurso literário, compuseram os campos lexicais categorizados pelo ânus, *nádegas*, *pênis*, *seios*, *testículos* e *vulva*. Neste sentido, alguns campos obtiveram um número expressivo de hipônimos, como é caso de ânus, pênis e *vulva*, que concentraram 22, 32 e 34 lexias, respectivamente. Os outros campos tiveram hipônimos em quantidade reduzida, como em *nádegas*, *seios* e *testículos*, que apresentaram 2, 9 e 2 unidades lexicais, respectivamente.

Além disso, algumas relações semânticas fizeram-se mais evidentes nos campos, como é o caso da sinonímia. Ademais, houve a manifestação, ainda que em menor grau, de casos de holonímia, meronímia e antonímia. A sinonímia se mostrou presente nos campos analisados, compondo a maioria das relações semânticas estabelecidas no interior destes terrenos lexicais. Com isso, concluímos que se trata de um artifício amplamente explorado para demonstrar uma identidade comum entre os termos de um mesmo âmbito semântico, evitando a repetição e estimulando a criatividade lexical.

Neste momento não figurou como objetivo deste trabalho deslindar as unidades lexicais dispostas nos campos aqui explorados. Essa investida pode ser fortuita em outras oportunidades, devido à natureza do léxico pornográfico manejado por Hilda Hilst.

Notamos que os usos lexicais manipulados por Hilda Hilst para conferir nome às zonas erógenas constituem a sua literatura de vertente pornográfica e se fizeram presentes na extensão de *Contos d'escárnio: textos grotescos* (2002 [1990]) e em outras obras da *Trilogia Obscena*. Verter olhares para uma parcela do léxico que caracteriza a linguagem de um autor é, também, enveredar-se pelo seu estilo literário, assentado em suas escolhas lexicais. Recuperando uma passagem de *O caderno rosa de Lori Lamby* (2005 [1990], p. 30, *grifos nossos*): “Eu perguntei se o *pau* era a *cacetinha*, mas esse homem disse que não, que era *pau* mesmo”, frisamos que o estudo lexical das obscenidades em obras literárias se faz proveitoso e necessário à área de estudos da Lexicologia, uma vez que, ao conferir nome às coisas, os indivíduos expressam suas percepções em torno do que é nomeado, dando vazão à sua mais ampla necessidade de expressão.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 1332-1343, 2011.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In.:* ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume VI. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. p. 141-161.

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. *Holocausto das fadas: a trilogia obscena e o Carmelo Poético*

de Hilda Hilst. 1996. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo: 1996. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296820591.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Lingüística**. São Paulo: T. A. Queiroz / Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUCRS, 1987. v. 22, n. 4, p. 81-96.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In.: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande-MS. EDUFMS, p. 13-22, 2001.

BORGES, Luciana. Narrando a edição: escritores e editores na *Trilogia obscena*, de Hilda Hilst. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, núm. 34, 2009, pp. 117-145. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127098005.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Língua e cultura. **Revista Letras**, [S.l.], v. 4, dez. 1955. ISSN 2236-0999. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v4i0.20046>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046>. Acesso em: 29 ago. 2022. p. 51-59.

CARDOSO, Elis de Almeida. *O Léxico no Discurso Literário*: A Criatividade Lexical na Poesia Moderna e Contemporânea. São Paulo: Edusp, 2018.

COSERIU, Eugenio. **El hombre y su lenguaje**. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. Vers une typologie des champs lexicaux. **Cahiers de lexicologie**. 1972. p. 29-51.

FRANCISCO, Ronnie. **Na falha da gramática, a carne**: a pornografia em Hilda Hilst. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-76BHLL>. Acesso em: 22 jul. 2022.

GOMES, Rita de Kássia de Aquino. **A estética hilstiana, em Contos d'escárnio**. *Textos grotescos, à luz da pornografia*. 2016. 95 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal: 2016. Disponível em: <https://bityli.com/PhylbiX>. Acesso em: 22 jul. 2022.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HILST, Hilda. **Contos d'escárnio**: textos grotescos. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

HILST, Hilda. **O caderno rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Globo, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão monusuário** 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JERONIMO, Gabriela Guimarães; BORGES, Luciana. O vocabulário infantobsceno em O caderno rosa de Lori Lamby, de Hilda Hilst: as escolhas lexicais na nomeação das genitálias. **Revista Alere**, v. 17, n. 1, p. 225-246, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/alere/article/view/3519/2799>. Acesso em: 18 jul. 2022.

- LARA, Luis Fernando. *Curso de lexicologia*. México, D.F.: El Colegio de México, 2006.
- LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora: Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em 20 jul. 2022.
- ORSI, Vivian. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. 2009. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: 2009.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In.: FIORIN, José Luiz. *Introdução à lingüística*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-24.
- RODRIGUES DE SÁ, Celi de Souza Nunes; CANELLA, Paulo Roberto Bastos; JURBERG, Marize. Sexo anal nas relações heterossexuais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. [S. l.], v. 15, n. 2, 2020. DOI: 10.35919/rbsh.v15i2.497. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/497. Acesso em: 28 ago. 2022. p. 59-72.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Lingüística Geral*. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. 2007. 264 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: 2007.
- STAROBINSKI, Jean. A literatura: O texto e seu intérprete. In.: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976. p. 132-143.
- XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Glamourices da moda: estruturação lexical de neologismos em uma edição da revista Glamour. In.: ALMEIDA, Fabíola A. Sartin Dutra Parreira; XAVIER, Vanessa Regina Duarte (org.). *Diálogos e perspectivas nos estudos do léxico e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

Recebido em 30 de agosto de 2022.
Aceito em 11 de outubro de 2022.